

A FAMÍLIA, PRIMEIRO EDUCADOR

Pedro Vaz Patto

Num tempo em que à Europa regressou o flagelo da guerra e em que se evidencia a urgência de a ela contrapor o reforço de uma cultura de paz, quisemos dar destaque neste número da nossa revista à proposta do Papa Francisco de um Pacto Educativo Global. Na verdade, é a partir da educação e das novas gerações que deve surgir o reforço dessa cultura de paz.

Entre os objetivos desse Pacto Educativo Global está o de responsabilizar a família, como «primeiro e indispensável sujeito educativo».

Este primado da família como sujeito educativo está consagrado no artigo 26º, nº 1, da Declaração Universal dos Direitos Humanos (declaração que é recebida pela Constituição portuguesa): «aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos». Este princípio não é respeitado quando programas de ensino público, designadamente nas matérias delicadas da educação sexual, veiculam orienta-

ções ideológicas com que várias famílias não se identificarão. Para justificar imposições desse tipo, já houve quem dissesse que «os filhos não pertencem aos pais». É verdade, mas também não pertencem ao Estado e da missão educativa dos pais, não pode o Estado apropriar-se, porque como também já disse alguém, «nenhum Estado pode amar como os pais e mães amam os seus filhos».

Afirmou, a este respeito, São João Paulo II na exortação apostólica *Familiaris consortio* (n.º 36): «(...) não se pode esquecer que o elemento mais radical, que qualifica o dever de educar dos pais, é o amor paterno e materno, o qual encontra na obra educativa o seu cumprimento ao tornar pleno e perfeito o serviço à vida: o amor dos pais de fonte torna-se alma e, portanto, norma, que inspira e guia toda a ação educativa concreta, enriquecendo-a com aqueles valores de docilidade, constância, bondade, serviço, desinteresse, espírito de sacrifício, que são o fruto mais precioso do amor».

Num seu discurso de 1987 (incluído no livro *Famílias para um Mundo Unido*, da editora Cidade Nova, de 1993), Chiara Lubich propôs às famílias o modelo de Jesus como único Mestre. N'Ele se reconhecem as características do amor que educa através do exemplo, que é o primeiro a amar sem nada pretender, que corrige com misericórdia, que confia e respeita a liberdade e que tem a coragem de indicar caminhos difíceis e diferentes da cultura dominante. E afirmou então a fundadora do Movimento dos Focolares: «Não podemos iludir-nos pensando que, se apresentarmos um cristianismo diluído e um falso Cristo, as nossas propostas serão mais bem aceites. Deus toca o coração dos nossos filhos. E eles reagem positivamente só à verdade, quando esta lhes é apresentada numa linguagem acessível e aceitável, porque transmitida por pais que, antes de ensinar, fizeram o esforço de compreender e partilhar profundamente as exigências autênticas das novas gerações.» ●